

DISCURSO DO MINISTRO DA DEFESA, CELSO AMORIM, NA REUNIÃO DE MINISTROS DO CONSELHO DE DEFESA SUL-AMERICANO (CDS/UNASUL)

Cartagena, Colômbia, 15 de agosto de 2014

Senhor Ministro da Defesa da Colômbia, Juan Carlos Pinzón,

Cumprimento Vossa Excelência e meus colegas Ministras e Ministros da Defesa dos estados membros da UNASUL, lamentando-me por não estar presente a esta reunião do Conselho de Defesa Sul-Americano, órgão que tanto prezo.

A escolha de Cartagena das Índias como sede de nosso encontro não poderia ser mais acertada.

A inigualável beleza arquitetônica desta cidade está perfilada na fortaleza militar do Castelo de São Filipe, erguido no século 17 e no muro que circunda a cidade antiga.

Cartagena evoca a importância da defesa na história passada de nossa América do Sul, e hoje expressa nosso desejo de continuar a fazê-lo em benefício de um futuro de paz na nossa vizinhança.

Desejo dirigir palavras de congratulações ao Governo da Colômbia, na pessoa de seu Presidente e de seu Ministro da Defesa, pela inestimável contribuição à consolidação do Conselho de Defesa Sul Americano durante o período em que o co-presidiu.

Senhoras e Senhores,

O Conselho de Defesa é uma iniciativa inovadora de criação de paz e de segurança na América do Sul não pelas via das armas, mas pelo caminho da cooperação, da confiança e da concertação permanente. Este é o conceito conhecido como os “3Cs”.

Os resultados do CDS se evidenciam em campos tão diversos quanto o do cenário de paz e estabilidade, o da indústria militar e o da capacitação e treinamento militar.

Esse processo não seria possível sem o engajamento tanto dos militares quanto dos civis que têm contribuído para transformar as visões e orientações dos Ministros e Vice-Ministros em tão densa agenda de atividades.

Felicito a todos os que nos permitiram construir, em pouco tempo, um Plano de Ação marcado por iniciativas da mais alta importância.

A propósito, a percepção de que ele está “saturado” não deixa de ser um elogio à sua densidade e ao dinamismo esperado de um novo foro.

Quando se sente necessidade de fazer um freio de arrumação, como dizemos no Brasil, é porque alcançamos um novo patamar, que requer gestão mais sofisticada.

Poucos anos depois de criado, em dezembro de 2008, o CDS já produz dividendos valiosos – que talvez nos permitam relacionar ao atual e auspicioso cenário de paz e estabilidade, como acredito que nunca houve na história recente da América do Sul.

Estamos entrando, acredito, em um estágio superior de relacionamento entre Estados, no qual a lógica da desconfiança inata – tema caro a analistas desde Hobbes até Morgenthau – vai sendo substituída por lógicas que deixam perplexos os que ainda pensam poder descrever as relações internacionais apenas sob as lentes da escola realista.

Na nossa América do Sul, vamos pouco a pouco substituindo o “dilema da segurança” pela “segurança da cooperação” quanto às intenções exclusivamente pacíficas e posturas puramente defensivas de cada um dos Estados aqui representados.

Senhoras e Senhores,

Dentre os novos programas, merece especial destaque a celeridade com que, no marco da presidência colombiana e surinamesa, criamos a Escola Sul-Americana de Defesa.

Se, como é o caso do Brasil, a prioridade internacional da política de defesa está na América do Sul, não faz sentido que, ainda na prática, tenhamos mais oficiais interagindo em outras instituições de cooperação em defesa, do que no âmbito da América do Sul.

A Escola Sul-Americana de Defesa será de grande importância para que nossos militares possam interagir em torno de estudos e reflexões conjuntas, em níveis e momentos diversos de suas carreiras, projetando um pensamento estratégico sul-americano, ao futuro que desejamos cada dia mais solidário e colaborativo entre nossos estamentos de defesa.

A ESUDE que desenvolve atividades por toda a América do Sul, contribuirá para a formação de um pensamento comum de defesa sul-americano a partir do princípio do respeito pela pluralidade, que deve seguir nos caracterizando.

Voltando ao conceito dos “3C” – cooperação, confiança e concertação -, está claro que avançamos muito nos dois primeiros.

Ao mesmo tempo, pareceria correto reconhecer de que a concertação permanente do CDS merece ainda ser reforçada.

O CDS conta com centros permanentes com mandatos específicos – como o Centro de Estudos Estratégicos, encarregado de realizar pesquisas e estudos aprofundados para subsidiar os Ministros, e a Escola Sul Americana de Defesa, dedicada a treinar e capacitar amplo número de civis e militares sul-americanos.

No entanto, diferentemente de tantos outros foros mais amplos, inclusive alguns de que somos todos partes, o CDS não mantém uma interação permanente em nível infra ministerial.

À luz da visão que orientou sua criação, o CDS não pode contentar-se em ser apenas supervisor de uma coleção de atividades, nem pode manter reuniões apenas semestrais.

Na visão do Brasil, o CDS deve contar com comissão executiva de assessoramento, composta por um representante de cada Estado, para que, no dia a dia, identifiquem questões que possam ser objeto de concertação quando os Ministros e Vice-Ministros se reunirem.

Nestas condições, agradecemos a participação construtiva das delegações nacionais durante a primeira reunião desse Grupo, realizada em Salvador, em junho passado.

A proposta que apresentamos em Salvador não é um “pacote fechado”, mas apenas uma contribuição ao debate. Estamos abertos a incorporar quaisquer modificações ou aperfeiçoamentos que contribuam para que alcancemos consenso.

Não descartamos, se parecer oportuno, testar nossa proposta de forma interina, por meio de encontros periódicos, usando nossos adidos militares, para formular recomendações e aportar subsídios à reunião dos Vice-Ministros e Ministros de Defesa da América do Sul.

Com vistas à continuação das discussões sobre a proposta, deverá ser convocada em breve uma segunda reunião do Grupo de Trabalho, a realizar-se no próximo mês de novembro, também em Salvador.

Objetivando facilitar as discussões do GT, pretendemos preparar uma versão revisada de nossa proposta, que buscará levar em conta os comentários recebidos dos demais Países.

A ausência de uma conformação multipolar da distribuição de poder mundial, que gere um necessário sistema de pesos e contra pesos, dificulta a implementação do objetivo primeiro da Carta da ONU, traçado em 1945, que é livrar a humanidade do flagelo da guerra, inclusive por meio da proibição do uso da força.

Poucas normas internacionais são tão violadas quanto essa.

As instituições globais de paz e seguranças continuam impotentes frente a questões que afetam os interesses das grandes potências, inclusive em função do instituto do veto no Conselho de Segurança da ONU.

Nenhum Estado, por mais segura que esteja sua região pode acreditar que ficará imune ao que ocorre no plano mais amplo da paz e da segurança globais. Não existe a opção de um “isolamento esplêndido”.

Mesmo conflitos entre terceiros pode ter repercussões sobre cada um de nós.

Por isso, o Brasil concebe o CDS como instrumento que permita, por meio da cooperação, da confiança e da concertação da América do Sul, tanto afastar qualquer risco de instabilidade interestatal entre nós quanto gerar capacidade de dissuadir ameaças externas.

Senhoras e Senhores,

Para encerrar, renovo meus cumprimentos ao Governo e ao povo da Colômbia pela sua decisiva contribuição, por meio do Conselho de Defesa Sul-Americano da UNASUL, para a edificação de uma América de Sul de paz.

Muito obrigado.

Embaixador Celso Luiz Nunes Amorim
Ministro de Estado da Defesa da República Federativa do Brasil